

CURSO BÁSICO DE TEATRO

Janaina Kremer[1]
Daiani Picoli[2]

O CURSO – o histórico

PARA QUEM – todos //

O curso de Teatro da Fundarte possui como único pré-requisito a idade mínima para o ingresso: seis (6) anos no módulo Expressão Dramática.

COMO SE ORGANIZA – turmas, idades// grupo e turma noturna//
exceções //

O curso é organizado de maneira horizontal, o que quer dizer que não é adotada a divisão por níveis cujo progresso dar-se-ia pela averiguação de conteúdo

[1] Atriz e professora de teatro. Mestre em Educação pelo PPGEDU/FACED/UFRGS, com a pesquisa na área de atuação teatral. Licenciada em Teatro pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/UERGS. Iniciou sua formação no TEPA e fez cursos de aperfeiçoamento com Maria Helena Lopes, Maria Lucia Raymundo, Thomas Leabheart, Vladimir Granov, Gennadi Bogdanov, Jeremy James, Ricardo Pucceti, Ana Elvira Wuo, Georgete Fadel, entre outros. Participou, durante um ano, do Grupo de Prática Sobre o Tarbalho do Ator, coordenado por Tatiana Cardoso. Dentre os espetáculos teatrais nos quais atuou destacam-se: Vladimir e Estragon, Tragikós, Ensaio, Álbum do desejo – todos sob a direção de Marco Fronchetti. No cinema atuou em filmes de Jorge Furtado – Saneamento Básico, o filme, Houve Uma Vez Dois Verões, O Sanduiche; de Beto Brant – Cão sem Dono; de Carlos Gerbase – Sal de Prata e Menos que Nada; de Ana Luiza Azevedo – Antes que o Mundo Acabe; de Gustavo Spolidoro – Ainda Orangotangos; de Otto Guerra – Woody & Stock (dublagem) e de Fabiano de Souza – Cinco Naipes e Telefone de Gelo. Recebeu os prêmios de melhor atriz de curta-metragem no Festival de Cinema Brasileiro de Miami pelo filme O Sanduiche, e o prêmio Assembléia Legislativa de melhor atriz pelo filme Cinco Naipes. Para a TV fez No Balanço, direção Mirela Kruel e Lá Longe, direção de Juliano Carpeggiani, ambos do projeto Histórias Curtas da RBS; Mulher de Fases, série para a HBO dirigida Por Ana Luiza Azevedo e Marcio Schoenardie e o especial para a TV Globo Homens de bem, dirigido por Jorge Furtado. É professora de teatro na Fundação Municipal de Artes de Montenegro-FUNDARTE.

[2] Atriz, diretora, produtora cultural e professora de Teatro. Mestra em Artes Cênicas no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Integrante do COLETIVO ERRÁTICA desde 2014. Contemplada com o Prêmio Açorianos de Melhor Atriz Coadjuvante, pelo espetáculo “Dispositivo-Gaivota” (2019). Dirigiu os espetáculos: “Convescote: na guerra é preciso disciplina e granadas, mas nada de visitas” (2016), “Alaranjado” (2016) e “A Casa” (2023). Desenvolve pesquisa continuada sobre a máscara da bufona desde 2015. Dentro de seus interesses e campos de pesquisa estão: Artes da Cena, Arte e Política, Feminismos e Decolonialidade e os atravessamentos do humor como crítica.

ou eficiência. Ao contrário, busca-se o aprendizado como algo não fixo, demandando-se da aluna, alune, aluno a criação de estratégias que permitam inventar teatralmente, com autonomia e cumplicidade com o coletivo.

DIVISÃO DOS GRUPOS

- **EXPRESSÃO DRAMÁTICA (de 6 a 9 anos)**

Por tratar-se possivelmente do primeiro espaço de contato com o Teatro para tais faixas etárias, esta modalidade tem principalmente duas prioridades, para com o aprendizado/experienciação teatral: Estabelecer relações de coletivo e autonomia criativa. Busca-se despertar as alunas, alunes e alunos para a apreciação e contato para o fazer/contemplar Teatro, sem pretensão direta e com foco em fomentar/criar 'atrizes/atores', mas sim, crianças com disponibilidade criativa, aprendendo a lidar com o outro e consigo, como experimentadores do universo lúdico/fantástico, com base em aspectos/qualidades abordadas e desenvolvidas por meio do jogo teatral (Viola Spolin) e dramático (Peter Slade).

Trabalha-se:

-Cumplicidade: alunas, alunes e alunos colegas professora (de forma cíclica; sem início e fim pré-estabelecidos, movimento de descobertas constantes).
*Atividades em que se promova aproximação entre alunas, alunes e alunos/professoras (espaço de confiança).

-Invenção: busca-se estimular a inventividade e criatividade da aluna, alune e aluno.
*O que? Quando? Onde? Quem?

-Jogo: a partir de disparadores e situações que promovam condições em que é preciso lidar com o jogo para possíveis soluções.
*Sempre sim! Acreditar e criar simultaneamente.

-Autonomia: através da convivência procura-se promover um aprendizadosobre si e o outro, com quem compartilha o espaço de criação.
*Um indivíduo que deseja e realiza escolhas posicionando-se, a partir de suas próprias descobertas e ideias.

Atividades que envolvam:
-possibilidade de improvisação (Exemplo de atividade: Quer comprar pão?!)
-criatividade (Exemplo de atividade: Criação de figura/personagem a partir de uma peça de figurino 'Qual é a voz? Como se move? O que faz? E porquê'?)
-foco (Exemplo de atividade: trabalho de Coro (Corifeu e Corifeia)
-equilíbrio do espaço (Exemplo de atividade: Platô, com um passo eu equilibro o espaço)
-percepção (Exemplo de atividade: Elefante colorido, joga-se pedindo características das alunas, alunes e alunos).
-níveis: baixo/médio/alto (Exemplo de atividade: Morto (baixo), Zumbi (médio), Vivo (alto).
-jogo (Exemplo de atividade: Vila Dorme, aprendendo a blefar e articular)
-coordenação motora (Exemplo de atividade: Telefone sem fio de movimento)
-concentração (Exemplo de atividade: Jogo do raio)
-uso da voz (Exemplo de atividade: frente a frente, um dos alunes inicia falando: -Alô! Conforme o colega que está a sua frente se desloca mais perto ou mais distante, é preciso variar o tom e volume de voz para continuar sendo ouvide).
-disponibilidade física (Exemplo de atividade: Jogo de Gato e Rato (um único rato é perseguido por um gato, porém se o rato encontrar uma casinha disponível (ombro de um gato que está parado), este gato que está na outra ponta torna-se o rato e começa a ser perseguido)



- **OFICINAS**

Neste momento, parece-nos que a antiga divisão adotada, a saber, níveis 1, 2 e 3 e Grupo de Teatro, deixa de ser funcional e, sobretudo, real. Justamente pelo fato de que não pretendemos formar atrizes/atores, aliado às crescentes demandas (escolares e profissionais) que recaem sobre os jovens, percebemos que, muito embora haja um caminho a ser percorrido, ele não necessariamente perfaz uma linha reta e constante.

Dessa forma, buscamos adequar nossa metodologia às urgências de coletivos que contém a pluralidade de saberes e experiências como característica fundamental.

Assim, optamos por manter como "duração" do curso o período de três anos, entretanto, abolimos a nomenclatura (e ideia) de Oficinas 1, 2 e 3 para experimentarmos o formato de Oficinas A, B, C, das quais o alune pode participar de acordo com sua disponibilidade de horários e idade.

Trabalhamos, portanto, com turmas compostas por iniciantes – Ano 1- ... assim por diante.

- **GRUPO** (a convite da professora responsável por conduzir a turma)

DURAÇÃO – (o curso infinito)

A conclusão do curso se dá, formalmente, após a aluna, alune e aluno ter percorrido cinco (5) anos ininterruptos, não sendo levados em consideração como contagem deste período os anos iniciais, que dizem respeito à Expressão Dramática. Além disso, é considerada uma avaliação subjetiva das habilidades e amadurecimento desenvolvidos durante o período de curso, para que a formação posso ser considerada "concluída". Decorrido esse tempo, a aluna, alune e/ou aluno poderá ser convidado a participar do Grupo de Teatro da Fundarte.



MOSTRAS – o momento último do acontecimento teatral / a mostra não espetacular / a mostra como mais um momento de aprender.

AVALIAÇÃO – desafios/o que vale a avaliação/a avaliação processual e coletiva/avaliação aberta

A avaliação se dá como mais um movimento pedagógico, portanto é pensada de forma diagnóstica, tanto para o alune quanto para a professora. Nesse sentido, busca-se com ela a compreensão do trajeto percorrido e a percorrer, desejando que ela funcione no sentido da tomada de decisões, antes de um instrumento de valoração da aluna, alune e aluno.

Na prática, a avaliação se dá de maneira processual e dialógica, no decorrer das aulas, sem um momento isolado e afastado do continuum pedagógico. Na sua forma de registro, trata-se do recorte físico/escrito/conversado daquilo que no decorrer do curso/semestre é discutido e pensado coletivamente e de maneira constante.

As expectativas daquilo que convencionalmente pensa-se como “evolução”, localizam-se no âmbito único do trajeto percorrido pela aluna, alune e aluno em seu respectivo tempo. Portanto, trata-se de um olhar constante sobre o desenvolvimento de cada indivíduo.

Aquilo que consideramos “ideal” está ligado ao engajamento da aluna, alune e aluno na realização das atividades propostas, e não em conceitos como eficaz e belo. Ou seja, o envolvimento do sujeito com aquilo que é proposto, sua disponibilidade, é mais significativo do que os resultados alcançados.

A avaliação serve como propulsora, portanto, para a escolha dos caminhos percorridos durante o curso de Teatro e os eventuais desvios necessários para que se mantenha o fluxo imprescindível para o acontecimento teatral.

O APRENDIZADO COMO TRAJETO

O APRENDIZADO COMO EXPERIÊNCIA

O FLUXO, NÃO O FIXO

O APRENDIZADO (EM) COLETIVO: “DAR A MÃO A ALGUÉM”

DISCIPLINA/ANTI-DISCIPLINA

OS FALSOS DUPLOS: VOZ E MENTE, CORPO E VOZ

OS JARGÕES: jogo, relação, estado, inteiro

OS SUJEITOS SÃO FOCO

OS CAMINHOS – O LABIRINTO (BORGES) – o caminho que necessariamente se bifurca em outro, que se bifurca em outro... “esse rio me atravessa e eu sou esse rio”

O CORPO

*o corpo ancestral/a criança

*o corpo que ouve

*o corpo que age

*o corpo que fala

*energia, peso /densidade, ritmo, duração,

*o corpo que pensa

*o títere e o títereiro/o duplo olhar

O GRUPO

*uma ética de grupo

*criar um grupo é criar a si

*cada grupo é criado no próprio indivíduo

*o grupo não existe sem mim ou sem o outro

*não há vencedores aqui/avaliação do grupo

O COLETIVO

*o professor faz parte do coletivo

*um professor que ri

*um professor que ouve

*um professor- fluxo

*avaliação da professora/desafios

- **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

SE É PARA TER META, A NOSSA SERÁ O AFETO.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, C. M. O teatro pós-dramático na escola. *Tese* apresentada a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção de título de doutor em Educação. São Paulo, 2007.

BACHELARD, G. *A Poética do Espaço*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, ed. 2, 2008.

BONATTO, M. T.; FUÃO, A. S. E. *Performar o cotidiano*: rupturas e transformações do espaço escolar. X AMPED Sul. Florianópolis: out. 2014.

COURTNEY, R. *Jogo, teatro & pensamento*. SP: Perspectiva, 1980.

FABIÃO, E. *Performance, teatro e ensino*: poéticas e políticas da interdisciplinaridade. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 61-71.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. Editora Perspectiva, São Paulo: 2001.

JAPIASSU, R. *Metodologia do ensino de teatro*. Campinas: Papirus, 2001.

KASTRUP, V. *Aprendizagem, arte e invenção*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001.

KOUDELA, I. *Jogos Teatrais*. SP: Perspectiva, 1984.

RYNGAERT, J.P. *Jogar, representar*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SLADE, P. *O jogo dramático infantil*. SP: Summus, 1978.

SPOLIN, V. *Improvisação para o Teatro*. Perspectiva, 2005.



VEIGA-NETO, A. *Cultura e Currículo*. Contrapontos - ano 2 - n. 4 - Itajaí, p. 43 – 51, jan/abr. 2002.